

Entrevista 12

Entrevistador 1:A ideia é a seguinte: que o IPHAN – o senhor conhece?

Entrevistado 1:(inint 00:10)

Entrevistador 1:ele tá fazendo um levantamento das tradições pomeranas pensando na possibilidade de fazer o reconhecimento, que, na verdade, é como se fosse um tratamento da tradição pomerana.

Entrevistador 2:Seria o patrimônio imaterial, aí chama registro. Então, a ideia do IPHAN é ver a possibilidade de fazer um registro de algum elemento da cultura pomerana.

Entrevistado 1:dos pomeranos...

Entrevistador 1:Com isso, a gente tá fazendo uma varredura inicial em todos os municípios... aí entramos lá em Raposo Cláudio viemo descendo até Baixo do Guandu, vai passar por aqui, Santa Maria e Domingos Martins

Entrevistado 1:A ideia de vocês é pegar o município então?

Entrevistador 1:Isso. E aí reconhecer onde estão as comunidades pomeranas. E aí o nosso objetivo hoje é fazer o mapeamento aqui em Santa Teresa especificamente.

Entrevistado 1:Ah ta... Achei que era mais em termo de história... –né- história da migração...

Entrevistador 1:Não, não. Na verdade, é conhecer os... a comunidade

(inint 01:09)

Entrevistado 1:A comunidade aqui no município de Santa Teresa...

Entrevistador 1:Exatamente.

Entrevistado 1:Então... dentro do contexto da história, na chegada dos pomeranos, vocês já devem ter percebido... Santa Maria (inint 01:24) acho que ali é o foco dos pomeranos... ali principalmente que é importante. Eh... Santa Teresa... como fica próximo de Santa Maria, essa região aqui de Serra dos Pregos e Alto Caldeirão, são

duas áreas, duas comunidades que eu atendo dentro da comunidades, dentro da paróquia, que tem uma predominância dos pomeranos, né, então a gente tem aí 360 famílias, né, no município de Santa Teresa, né, que tem uma descendência (inint 2:03).

Entrevistador 1:Aí no caso, por exemplo, (inint 2:07)...?

Entrevistado 1:Peraí.... perdão, perdão. Não... São 360 na paróquia toda... vou corrigir o número... são trezentos e pouco na paróquia toda... são cento e quarenta em Serra do Prego e setenta em Alto caldeirão. Eu tava pensando na paróquia toda... então isso dá 200 famílias aqui na região de Alto Caldeirão, tá? Aí nós temos aqui, na comunidade Santa Teresa... não é uma comunidade que nós poderíamos dizer, assim, que tem uma... predominância pomerana. Tem algumas famílias que tem origem, mas é uma comunidade que já tem uma mistura maior... de outras famílias, que vieram de outros lugares, que já tem, assim, uma migração, né. Mas também teria uma pequena parte vamo falar que ... agora por alto... 15 a 20 famílias também da comunidade de...

Entrevistador 1:(inint 03:07)

Entrevistado 1:(inint 03:09). Aí vem andando pra terra quente (inint 03:14 – 03:20)

(ha-ha-ha ao fundo)

Entrevistado 1:Ali não tem uma (inint 03:23) de pomeranos, são mais já descendentes né... já não se fala mais tanto pomerano... né, as pessoas não falam, né... .. teria lá... .. vamos por alto... ..

Entrevistador 2:é (inint 03:38)?

Entrevistado 1:25 de julho, né.

Entrevistador 1:ah, 25 de julho

Entrevistado 1:é 25 de julho porque ali não tem só pomerano, ali tem... (inint 3:48)... Então ce tem uma mistura maior, não só de pomeranos não... mas tem ainda alguns... em torno de umas dez famílias, assim, que... também na parte baixa, assim... ou melhor

Entrevistador 2:Tem uma festa lá... (inint 04:13)

Entrevistado 1:Pois é... antes de vir pra cá, eu pensei o que que eu podia levar, né.... 25 de julho, essa é uma das comunidades que eu atendo... isso aqui foi um livreto, né, que conta a história da comunidade... dos 100 anos desse templo... que foi em 2002... ano pasasdo fez 110 anos de inauguração desse templo aqui, né... então ele tem essa história de 25 de julho... já na outra comunidade que também atendo nessa região mais baixa... Rio Perdido, então tem esse livreto aqui também... ano que vem a comunidade completa 130 anos... né de presença luterana, luterana, né...que também quem chegou lá primeiro foram os pomeranos, né... neste caminho aí em direção ao norte do estado, eles chegaram m Santa Leopoldina, subiram pra Santa Maria e de lá, então, continuaram essa migração interna descendo, então, via este vale aqui, em direção ao vale do rio doce ali pra cima, né... Rio Perdido, isso é um dado importante, é o primeiro cemitério luterano nas terras quentes... depois virando aqui o morro, né... foi uma migração que aos poucos então eles foram ocupando, né, em direção do rio doce e depois norte do estado né... Vila Pavão, não sei se vocês já ouviram

Entrevistador 1:A gente vai lá

Entrevistado 1:Eu sou natural de lá... então essa é um pouquinho da história.

Entrevistador 1:A gente consegue esses livros em algum lugar?

Entrevistado 1:Esses livros eu só tenho em casa, se você tiver interesse, este e este livro eu posso dispor pra vocês, tá bom?

Entrevistador 1:Interessante.

Entrevistado 1:Porque ele traz muitos dados históricos.

Entrevistado 2:Tem mais desses livros em casa? Eu tinha um desse aqui diferente...

Entrevistado 1:Esse eu tenho, acho que são 15 exemplares também

Entrevistado 4:Eu tinha desse que tem aquela igreja do (inint 06:32) aí tem... tipo um fino, ce entendeu? Não é esse. Esse aqui era diferente desse aqui... eu vou fazer a bilbioteca aqui...

Entrevistado 1:É, seria um acervo interessante. Esses dois livretos eles contam com muita riqueza a história dos luteranos – e luteranos pode colocar aí também pomeranos, porque isso veio junto, né...

Entrevistador 1:E aí quando você fala de 140 famílias elas são exclusivamente pomeranas?

Entrevistado 1:É as mais pomeranas.

Entrevistador 1:Não é a do (inint 07:35), não luxemburguês, nada?

Entrevistado 1:Não, não. São pomeranos... porque preserva através da língua.

Entrevistador 1:E acontece o casamento na tradição pomerana ainda ou não?

Entrevistado 1:Pois é, o casamento... aqui ainda acontece permanece muitos traços, né... daquilo que era... a questão do quebra louça... a dança dos noivos... aqui na região de serra do pregos e alto cadeirão, permanece.

Entrevistador 1:E aí tem os três dias festas?

Entrevistado 1:Antes os casamentos eram na sexta, né, então se fazia o quebra louça na quinta... agora já se passou o casamento pro sábado, né... enfim, aí que faz o quebra louça, aquela história toda, já na sexta à noite... no caso é sexta, sábado e aí domingo ainda continua... então são três dias... mas na história, aí esse outro livreto aqui, lá de Vila Pavão... contato com Joci...

Entrevistador 1:Joci.

Entrevistado 1:Joci (inint 08:45). O pai é dessa mulher aqui... foi meu professor, ele é sociólogo... então ele escreveu, né, ele tem descendência de pomerano, né, e.... então a filha dele fez esse trabalho aí... trabalho que ela fez aí, não sei se foi de mestrado, enfim. Então tem várias fotos até de familiares da minha esposa...

Entrevistador 1:(inint 9:18) ?

Entrevistado 1:(inint 9:20 -10:00)

Entrevistado 2:(inint 9:20 -10:00) eu fui lá uma vez e tinha uns móveis... báu, essas coisas assim... né

Entrevistado 1:Na verdade assim, muitas casas, muitas famílias em (inint 10:10 – 10:14) ou Serra do Pregos ou Recreio... porque ali é um divisor de águas, né, de fronteira de município, né... então tem gente que mora em Recreio que participa, né, da comunidade em Serra dos Pregos e aí tem gente que mora lá que vem em Recreio, enfim... tem muita gente que preserva a questão da arquitetura da casa, móveis... tem muita coisa ainda assim...

Entrevistado 2:Pois é (inint 10:48) até que um alemão veio aqui... lembra?

Entrevistado 1:Sim (inint 10:56)

Entrevistado 2:Porque tinha um alemão aqui aquele dia... (inint 11:06 – 11: 16) E esse alemão era do projeto também... aí quando ele veio aqui (inint 11:30 – 11: 43)

Entrevistador 1:o conjunto de trombonistas só tem lá em Serra dos Pregos ou tem ainda algum menorzinho em outro lugar?

Entrevistado 1:Aqui na paróquia, só serra dos pregos tem. Em Santa Maria, ali muitas comunidades, a grande maioria das comunidades vai ter o seu grupo de trambonistas de metais.

Entrevistador 1:Mas em compensação concertina já tem em mais lugares.

Entrevistado 1:Tem, tem...

Entrevistado 2:(inint 12:23)

Entrevistador 1:Ele é italiano?

Entrevistado 2:(inint 12:20- 12:50) he-he-he

Entrevistado 1:Acho que ele aprendeu a falar até o pomerano o muitotambém.

Entrevistado 2:Fala (inint 13:05 – 13:14)

Entrevistador 1:É Odo?

Entrevistado 1:Odo. O-D-O

Entrevistado 2:É Odo, O- D- O (inint 13:23)

Entrevistado 1:Odo, essa coisa dos nomes veio muito dos pomeranos... muitos nomes perderam a sua escrita original devido a pronuncia... às vezes a dificuldade de falar, né, cegava nos cartórios e fazia registros, escrevia assim como entendia... era falado e ele escrevia... por isso muitas famílias, nomes, se perderam...

Entrevistado 3:Perderam a grafia original, né?

Entrevistado 1:É, a grafia original... o meu por exemplo é Feld. A pronúncia seria F-E-L-D pela pronúncia, mas é Z-Ö-L-Z. Então é só um exemplo da cultura, da história que se deve, inclusive, no nome.

Entrevistador 1:É mas bem menos, porque os pastores já tinham cuidado de batizar e...

Entrevistado 1:Nos registros eclesiásticos, aí sim... porque os pastores alemães, os primeiros, eles mantinham a grafia, a questão é quando se fazia o registro civil... nascimento, casamento.

Entrevistador 1:Eu queria até te perguntar isso. A gente tava conversando sobre isso... é uma questão histórica mesmo. Quando eles chegaram aqui, como é que eles solucionaram a questão que o estado era católico, no século XIX e a igreja era oficial... e aí como é que eles resolveram essas coisas da igreja luterana? Porque os registros eram feitos pela igreja e aí... então, por exemplo, uma família, nasceu uma criança pomerana, se ela registrada dentro da igreja luterana ela não seria aceita pelo estado... como é que eles resolveram essa situação? Ces tem alguma ideia?

Entrevistado 1:Acho que a questão do registro civil era independente, não?

Entrevistador 1:Não, o registro civil começa a existir bem depois. Quando os pomeranos chegaram, ainda era feito pela igreja. Tanto que quando você demografia histórica, se trabalha com o batistério da igreja católica. Então tá todo mundo na igreja, só não tem o cartório, o cartório começa surgir no final do XIX... no último quartel, mas ainda não é uma coisa que tem em todos os lugares e por isso ele é feito na igreja.

Entrevistado 1:Então aqui nas igrejas luteranas tem tudo aqui registrado...

Entrevistador 1:Eles eram feitos na igreja?

Entrevistado 1:Eram feitos na igreja.

Entrevistador 1:Quais são os seus livros mais antigos?

Entrevistado 1:Eu tenho livro de mil oitocentos... e noventa e cinco, nessa faixa, eu tenho alguma coisa lá.

Entrevistador 1:Que é a primeira comunidade...?

Entrevistado 1:Daqui e daqui eu tenho, dessas duas comunidades eu tenho livro de registro de batismo, confirmação (inint 16:17) crisma, casamento e o (inint 16:22). Todas as paróquias aqui tem. Santa Maria tem...

Entrevistador 1:Lá tem uns mais antigos?

Entrevistado 1:Tem... no interior de Santa Maria, na igreja chamada jequitibá, também tem livros m.u.i.t.o. antigos.

Entrevistador 1:que são os primeiros?

Entrevistado 1:os primeiros, é...

Entrevistador 1:Os primeiros pomeranos foram pra lá.

Entrevistado 1:É... Jequitibá e Santa Maria de Jetibá. Jequitibá ainda é mais antigo que Santa Maria do Jetibá. Já ajuda, né...

Entrevistador 1:Isso é interessante... qual é o nome do pastor lá?

Entrevistado 1:Marcos

Entrevistado 2:Ele vive nessa comunidade?

Entrevistado 1:Ele vive, do lado da igreja né... Marcos Volberht. O pai dele também foi pastor...

Entrevistador 1:Ele é pomerano?

Entrevistado 1:Não, ele é descendente de gaúcho... o pai dele é um pastor que veio do Rio Grande do Sul, a mãe dele também, mas o pai dele trabalhou a vida toda aqui nos pomeranos... o nome dele é Edgar... ele já é aposentador...

Entrevistador 1:e mora lá também?

Entrevistado 1:mora próximo... um quilômetro e pouco eu acho...

Entrevistador 1:Lá em Jequitibá também.

Entrevistado 1:Lá em Jequitibá... mora próximo... ele é um pastor que trabalhou trinta e tantos anos na região é alguém que conhece muito bem a história do povo...

Entrevistador 1:Que legal, isso vai ser um bom contato.

Entrevistado 1:Ele é gaúcho, mas que viveu a vida toda aqui.

Entrevistador 1:É... 30 anos aqui... Ele de onde do Rio Grande do Sul?

Entrevistado 1:Eu não sei mas ele já me falou... é do interior do Rio Grande do Sul... Então ele é um dos que também, assim tem muitas informações, assim, dos pomeranos ali, né, trinta anos que ele trabalhou...então ele pode ajudar bastante. Ele fala o alemão lá do sul. A vida toda aqui, mas não aprendeu a falar pomerano...entende, mas não fala... já o filho fala pomerano... ... é... é isso

Entrevistador 1:E na Serra dos Pregos, a gente tava pensando em ir até lá... que pessoas seria mais interessante a gente conversar lá?

Entrevistado 1:Tem uma pessoa que mora do lado da rodovia, né... é uma senhora...

Entrevistado 2:(inint 19:16) Mila?

Entrevistado 1:Não, mas a Mila... ela é uma coisa mais que conhece bastante toda a história da comunidade... porque tem a Elza, a mãe do Marcos e do Miguel, né...

Entrevistado 2:(inint 19:31)

Entrevistado 1:o Marcos e Miguel que são os dois que participam da banda dos trombonistas né?

Entrevistador 1:E aí trabalha na roça, lá?

Entrevistado 1:Ele trabalha na roça, é verdade...

Entrevistado 2:(inint 19:50)

Entrevistado 1:: (inint 20:02) que ela colocou e a Elza, né (inint 20:07)

Entrevistador 1:Igual o músico mesmo? (inint 20:48)

Entrevistado 2:: (inint 20:50)

Entrevistador 1:A gente tá preocupada com o tempo... em Santa Maria a gente tem muita coisa pra fazer... e a gente tem que parar mesmo...

Entrevistado 1:Ali em Santa Maria é um campo (inint 20:37)

Entrevistador 1:A gente não teve oportunidade porque, assim, a gente conversou com várias pessoas ao longo de nosso trajeto e uma das coisas que a gente percebeu, e a gente tinha lido uma bibliografia, sobre um (inint 20:49) e a gente não conseguiu abordar as pessoas (inint 20:55)

Entrevistado 1:(inint 20:55)

Entrevistador 1:pois é, as pessoas contaram histórias pra gente... ah, isso meu pai (inint 21:01) aí contou como é que foi e aí a gente viu que a pessoa ficava muito abalada..

Entrevistado 1:(inint 21:07)

Entrevistado 3:Aí contava mais (inint 21:09) que a história dela

Entrevistador 1:É... e aí a gente parou de perguntar... aí a gente queria saber um pouco, porque acaba que você como pastor você participa diretamente desses rituais. Você poderia contar um pouco pra gente como que funciona isso?

Entrevistado 2:(inint 21:28)

TODOS: ha-ha-hahah

Entrevistado 1: Uma das coisas em que os pomeranos eles tem um grande respeito, né, em cuidar do ente falecido... primeira coisa que normalmente se faz... a pessoa falecida ou está em (inint 21:59) no imbundo, né, então já se comunica... (inint 22:04) 'tem como fazer uma visita'... então, é uma coisa interessante, antes da pessoa vir a falecer, há todo um acompanhamento... a família fica em torno, né, fazer um momento celebrativo, às vezes a comunhão da ceia... de poder também a família ter a comunhão com a pessoa que no estágio final da vida. Então isso é um dado, né, do momento celebrativo, a comunhão junto com a pessoa... vindo a falecer... então, uma das primeiras coisas que o pessoal sempre faz é 'não, tem que ligar pro pastor'... porque daí depende também de agendar horário....então às vezes o pastor ser aquele que conforta a família, é uma questão que vocês já sabem, mas ainda sim, eu pessoalmente, tenho feito questão de ir... no velório, logo depois, que é um momento também que a vida chega ao final... poder entregar também a vida que foi recebida como um dom, como um presente, saber entregar a vida pra Deus... então, trazer a consolação... acho que isso é importante, e isso as pessoas anseiam muito... porque elas estão assim sofredas... tá... feito isso, então, vem todos os preparativos de preparar a pessoa falecida... acho que uma coisa que se perde aos poucos, acho que até por questões aí de documento, né... antes as pessoas faleciam em casa...e eram preparados ali, depois que vinha o cartório, registro do óbito, né... hoje como isso já é muito complicado... se faleceu em casa, ce tem que levar pro IML, fazer o laudo, tudo mais... então as pessoas elas não morrem mais em casa, junto com sua família... elas são trazidas ao hospital e ficam ali ligadas a aparelho e tal... isso acho que tira, no meu ponto de ver – de vista – a pessoa, o enfermo, do seu núcleo familiar, né, e eles morre ali sozinho, ou na UTI ou no quarto com poucas pessoas, mas... ainda assim tem um cuidado de se preparar aquela pessoa... historicamente que se fazia... outro dado interessante, quando a pessoa estava pra falecer, antes de falecer muitos já preparavam o chão... a tábua... 'essas são as tábuas que vocês vão fazer pro meu caixão'... tinha pessoa então dentro da comunidade que já tinha a prática, experiência de... confeccionar... de... ah... montar o caixão, né, revestido de tecido

Entrevistado 2: Roxo

Entrevistado 1: roxo às vezes azul...já vi muito azul

Entrevistado 2:(inint 25:15) na minha família tinha essas coisas... então fazia os caixão tudo caro, né...

Entrevistado 1:que agora é uma coisa que se perde... acho que toda a questão da morte, né... o processo, assim, da morte ficou muito... terceirizado.

Entrevistador 1:Uhum.

Entrevistado 1:Funerária que pega a pessoa falecida, arruma e deixa prontinho. A família não participa mais de dar o banho na pessoa falecida, de fazer a barba no caso do homem, vestir, arrumar, né, então... a família, aos poucos, ela tá começando a se retirar disso... ela era mais próxima

Entrevistador 1:Aí o fazer o caixão tinha um marceneiro que é só pra isso ou era o marceneiro que fazia os móveis?

Entrevistado 1:Geralmente era alguém que tinha habilidade com madeira.

Entrevistador 1:Não tem assim é o senhor mais idoso ou o senhor mais respeitado?

Entrevistado 1:Não, não... era o marceneiro que já conhecia, que mexia com madeira, que já tinha feito, então...

Entrevistador 1:Aqui tem um cemitério, não tem? Onde que é...

Entrevistado 1:Tem vários, né. Aqui rio (inint 26:36) e 25 de julho são dois cemitérios mais antigos... então só pra terminar essa questão do velório... então a morte, faz o velório, passa a noite e aí também, como a igreja luterana, tem todo um ritual, uma li.tur.gia, né, que as pessoas valorizam muito também pra fazer a despedida... é um rito de passagem,né... obrigatório, que toda pessoa tem que passar... e aí a proposta litúrgica luterana tem isso bem claro, né, e aí o pessoal dizem, né, ‘puxa os luteranos fazem isso assim, assim, assim’... é uma questão bem peculiar, né... agora falando dos cemitérios... aqui essas duas comunidades tem dois cemitérios dos primeiros que vieram e estão sepultados aqui, né... 25 de julho... numa parte aqui tem um cemitério, né, aqui do lado (inint 27:36) onde tão sepultado os primeiros imigrantes... ainda do tempo da segunda guerra mundial, acho que é uma coisa bem bacana –bacana, (rsrs) mas enfim – quando o alemão foi proibido...até as sepulturas foram violadas... tudo que tava escrito em

alemão... a polícia, né, eles quebraram ou talharam... quebraram tudo o que estava escrito em alemão. Em Rio Perdido, tem lá ainda, as placas metálicas... passaram, então, argamassa pra então cobrir tudo aquilo em alemão... uma agressão...

Entrevistador 1:O que foi usado, a talhadeira ainda tá lá, ou depois com o tempo ainda refizeram?

Entrevistado 1:Tá lá ainda... eu até tenho foto... lá em casa eu fotografei

Entrevistador 1:Rio Perdido é muito longe daqui?

Entrevistado 1:Dá 25 quilômetros

Entrevistador 1:E pra que lado?

Entrevistado 1:Descendo indo pra Colatina... passa a rodoviária... desce terra, né

Entrevistador 1:é terra ou é asfalto?

Entrevistado 1:é um trecho de asfalto e acho que uns... 22 quilômetro, é dá um pedaço bom de asfalto... já 25 de julho são 19 quilômetros até lá... Então é isso sobre a questão do sepultamento...

Entrevistador 1:Ce mencionou a questão do moribundo, né, da pessoa tá doente e aí todas as história que a gente ouviu de algum pomerano falar sobre a morte, e que foi algo chocou, foram pessoas que morreram de acidente... assim, uma madeira caiu na cabeça... então, assim essa morte súbita... mais... isso é entendido como pra eles?

Entrevistado 1:o luto... isso não depende de cultura sempre é uma morte súbita, seja de acidente, suicídio... isso é algo muito presente em Santa Maria, acho que tem um alto índice de suicídio... sempre choca muito, né... então, aí como pastor a gente tem que ter uma presença muito grande, né... acompanhar porque a pessoa fica cheia de perguntas 'por que, por que', né, então isso sempre mexe muito... a pessoa fica sensível... principalmente quando são mortes dessa natureza... isso mexe muito com a história... por isso que às vezes a hora que vocês perguntaram a pessoa se tranca e aí volta...

Entrevistador 1:uma das senhorinhas, ela não fez a festa, porque no casamento dela eles tavam tristes... porque o irmão dela tinha falecido... e aí na hora que ela ia falar como

que o irmão dela faleceu, o (inint 30:50) dela entrou e contou um caso engraçado... aí como a gente ficou lá umas três ou quatro horas conversando com eles, no final eles contaram pra gente, entendeu... mas o marido dela não deixou ela falar... foi assim, um negócio super interessante...

Entrevistado 1:às vezes é uma coisa muito velada, porque é uma coisa que marca muito... muitos casamentos, eles são suspensos ou só se faz um jantar... se faz na igreja e vai lá, às vezes, não se dança... porque aí marca é a festa, né... mas quando é uma coisa que marcou muito, né, só vai na igreja pede a benção... se janta, porque a comida já tá tudo preparado, né, aí de lá, acaba, encerra...

Entrevistador 1:e o luto ele é de um ano mesmo? No casamento, eles falam assim ‘ah, não meu irmão morreu há seis meses apenas ou morreu há três meses apenas’

Entrevistado 1:eu tive um caso, por exemplo, de um homem que cometeu suicídio... ... o casamento seria me janeiro ele suicidou em dezembro... a família suspendeu o casamento suspendeu o casamento pro outro ano... o ano, assim, é uma marca, né... por exemplo uma questão... a pessoa está sepultada aqui, essa é a sepultura... o jazigo, a lápide, ela só é feita mesmo depois de um ano.

Entrevistador 1:Ah, é?

Entrevistado 1:Tradicionalmente... a minha avó quando meu avô faleceu... meu pai também (inint 32:42)... historicamente, da região onde eu venho, a tradição é: sepultou tem que deixar um ano lá só na terra. Pra terra acomodar... depois faz ali em cima...

Entrevistador 1:Lembrei de um lugar onde a gente foi e eu pensei “uai, por que aqui não tem nada?”

Entrevistado 1:É isso aí...

Entrevistado 2:Esperando dar o tempo

Entrevistador 1:E aí sim vai atrás da pedra, da lápide com os dizeres...

Entrevistado 1:Aí se faz tudo isso... aí vai o pedreiro monta lá, reverte com granito...

Entrevistador 1:E aí pode contratar alguém pra fazer ou tem que ser alguém da família?

Entrevistado 1:Aí contrata.

Entrevistador 1:E no caso das lápides, todas elas têm algum dizer. Existe aí uma consulta ao pastor... cada um decide...?

Entrevistado 1:Eu nunca participei desse processo....cada um escolhe... às vezes escolhe um dito bíblico... aí coloca os dados, nascimento, falecimento...

Entrevistador 1:então é muito particular da família?

Entrevistado 1:da família... já é o padrão né... aqui pros canto... 'jaz em cristo fulano de tal...' (inint 34:06)... mas antes assim como tinham aqueles que faziam caixão também tinham aqueles que faziam a lápide né...

Entrevistado 2:(inint 34:23) madeira, né..

Entrevistado 1:é... pois é, essa parte... muita história se perde, porque eu vejo cemitério onde a cruz, né... então na cruz se colocavam os dados da pessoa...a madeira, por mais dura que ela seja, com o passar do anos ela vai deteriorar...então se perdeu... as famílias não cuidam do seu familiar e se perde depois... né

Entrevistador 1:A gente ouviu algumas história que dentro do caixão ia o que era mais querido daquele (inint 35:07). O quê por exemplo?

Entrevistado 1:Por exemplo... às vezes chapéu por cima do peito... uma vez eu acompanhei a abertura de uma sepultura, então tinha pente, às vezes eles tinham colocado os documentos... a certidão de... de batismo... de confirmação... esses documentos eles são colocados debaixo do travesseiro, debaixo da cabeça da pessoa também ou do lado né...

Entrevistador 1:Que legal. Por quê?

Entrevistado 1:Porque tem toda a questão de novo, a questão da fé, né... sobre aquele fundamento, né, ali a pessoa descansa... a pessoa foi recebida, né, foi batizada e por Deus... e naquele dia, naquele batismo, ali também ela descansa pra todo sempre, né... tem essa... permanecer nas mãos de Deus... ainda sobre esse sepultamento... uma coisa muito peculiar também entre os pomeranos, que hoje isso já se perdeu, quando tinha o sepultamento de um suicida... (rsrs) na chegada ao cemitério não se passava pelo portão

do cemitério... às vezes se passava no sentido por cima da cerca, por fora... porque a pessoa violou a própria vida e não é essa a vontade de Deus... né, então tem várias coisinhas... se passar por cima da cerca... tem um caso lá... pra cima de Jequitibá onde a pessoa está sepultada metade pra dentro e metade pra fora... tem as catacumbas transversais... eu trouxe o computador, tem um vídeo... isso é lá de Vila Pavão, mas isso tá no youtube também... catacumbas transversais... então, é sempre assim, uma questão dos pomeranos também, se o sol nasce lá a pessoa tá voltada, então pra cá... então estar olhando pro sol na frente...

Entrevistador 1: cabeça aqui, pé aqui?

Entrevistado 1: é... se o sol nasce lá, então pé aqui, cabeça aqui... então o olhar está voltado então para o sol nascente... para ressurreição... agora, se tinha então o suicida aí que que fazia... a sepultura era enterrada assim, transversal...

Entrevistador 1: tem algum cemitério que a gente consiga ver isso?

Entrevistado 1: lá em Vila Pavão vocês vão poder ver isso lá... aqui na nossa região, eu não me lembro de ter visto... tem então o suicida sepultado atravessado lá em Jequitibá... mas lá em Vila Pavão... é um pequeno vídeo, um curta...

Entrevistador 1: como é que chama?

Entrevistado 1: catacumbas transversais, no youtube tem, eu baixei do youtube...

Entrevistador 1: Tem muita coisa no youtube...

Entrevistado 1: é...

Entrevistador 1: a gente conversou com o alex e ele passou um tanto de coisa

Entrevistado 1: porque ele faz os curtas, né... esse dvd eles já viram?

Entrevistador 1: pois é, eu ia comprar, acabei conversando com o rapaz, mas não fiz o depósito ainda e não comprei...

Entrevistado 1: porque aqui tem muito sobre os pomeranos.

Entrevistador 1: e onde que ele mora?

Entrevistado 1:ele mora em Vitória... se você tem um pen drive eu tenho digitalizado no computador... porque daí já ajuda...

Entrevistador 1:com certeza... ..

Entrevistado 1:então esse é um dvd mais institucional do município de Santa Maria, né... mas ele conta essa história da trajetória... da saída lá da Europa... .. ainda sobre os suicidas... uma vez eu participei de um sepultamento de um suicida onde eles não colocaram flores no caixão... nossa, foi trágico... enforcamento, né... camisa aberta, a marca ainda da asfixia e tudo roxo... foi horrível, traumático, rs... nos suicidas não se colocavam cruz, né... agora tudo isso já existe... sepulta-se na mesma posição...(inint 40:39) também pra dizer que o julgamento não cabe a nós... os pastores foram fazendo o povo entender isso, né... que não cabe a nós julgar, né... o ato da pessoa em si, né... isso vai aparecer aqui no vídeo...

Entrevistador 1:aí o processo do suicida... o velório... ele acontece dentro de casa ou aí... o velório também é à parte?

Entrevistado 1:hoje, geralment, eu já participei, é feito na casa...

Entrevistador 1:por que não tem a tradição por exemplo de velar dentro da igreja?

Entrevistado 1:alguns lugares, quando a família não quer velar na casa, ela vela na igreja...

Entrevistador 1:então não é que todos velam na igreja e a exceção é a casa. é ao contrário.

Entrevistado 1:isso.

Entrevistador 1:a exceção é a igreja.

Entrevistado 1:isso só quando não tem espaço às vezes na casa... geralmente se faz na casa... da casa aí passa pra igreja, porque muitos não vão na casa e vão na igreja... e de lá vão no cemitério, né...

Entrevistador 1:Como que é... o que que precisa pra ser velado na igreja?

Entrevistado 1:Quando a família não quer velar em casa, não sente vontade, então a igreja é o espaço... ou o salão da igreja... então a igreja abre esse espaço... então se a família não quer

Entrevistador 1:E tem alguma coisa, por exemplo, a gente já leu na bibliografia que tem uma coisa relativo ao espelho... isso ainda acontece?

Entrevistado 1:Sim... as famílias (inint 42:50) se cobre espelho, se cobre a televisão, porque então não... então aí não se assiste a tv por um período né... porque então, o silêncio... (inint 43:00) representa a alegria... aquela coisa... é muito assim, de viver o luto mesmo... então não é só espelho, a tv também... para-se o relógio... faleceu agora agora 10:15, abre-se o relógio, para-se o pêndulo...

A:e aí volta quando?

Entrevistado 1:Essa informação eu não sei dizer... volta, mas não é tão logo... não vou saber te dizer...

Entrevistador 1:teria alguém que fazia caixão antigamente que a gente conseguiria conversar com ela?

Entrevistado 1:eu não conheço ninguém aqui que faça... (inint 44:01) em Santa Maria, Jequitibá

Entrevistado 2:(inint 44:13)

Entrevistador 1:a gente passou lá...(inint 44:13)

Entrevistado 2:Lá em Jequitibá é muito bom né...

Entrevistado 1:o pai do marcos, o Edgar... ele pode ajudar nisso

Entrevistador 1:A gente conversou muito... se o senhor sabe puxador ou benzedeiros, como é que funciona isso? o benzedor tem alguma participação na (inint 44:36)

Entrevistado 1:Não, naquele momento quem tá ali é o pasto.

Entrevistador 1:Mas antes tem né? que eles chamam... a gente ouviu muito...

Entrevistado 1:Tem muito disso... chama pra benzer... isso é uma coisa muito velada em relação à igreja, porque historicamente sempre, assim, a igreja condenou a questão do benzimento... como se fosse um sincretismo, né... uso de outras forças, outros poderes... para então buscar uma ajudazinha extra, né, he-he-he...

Entrevistador 1:he-he-he

Entrevistado 1:Então a igreja combatia isso com muita veemência

Entrevistador 1:mas hoje não combate?

Entrevistado 1:Não, não... hoje é do ponto de vista, mais assim... é história, né, é cultural...da oração, benzedeira: b.e.m di.zer. , né... então o que a gente sempre critica é porque que sempre que ser feita a oração em silêncio... a mulher, a benzedora faz a oração... então... tá falando o quê?

Entrevistador 1:e lá nessas comunidades que tem essas benzedoras e benzedor...

Entrevistado 1:tem benzedores sim... Santa Maria... aqui Serra de Prego tem o pessoal de (inint 45:58)... eu não conheço um benzedor...

Entrevistador 1:(inint 46:07) ha-ha-ha

Entrevistado 1:(inint 46:11) ‘é porque levei minha filha pra benzera que ela tava assim, assim, assim’ outro dia a gente tava lá em casa com mais pessoas e uma outra, a esposa de um colega meu: ‘minha mãe me levava na benzedeira pra curar lombriga’ onde já viu, né? mas aí junto com isso, às vezes tinha também o medicamento... o chá... aí você ia a fé, junto com o medicamento que podia, né... tem uma erva, erva de Santa Maria, tem no mato fedorento que só, ele vermífero, né?

Entrevistador 1:minha mãe tomou...

Entrevistador 2:Na minha casa tomava chá de folha de funcho...

Entrevistado 1:Então aqui, Catacumbas Transversais [mostrando o vídeo] ele começa...

Entrevistador 1:isso em Vila Pavão?

Entrevistado 1:Vila Pavão.

[vídeo passando]

Entrevistado 1:(inint 48:57)

Entrevistador 1:Fala um pouco de resignação... por quê?

Entrevistado 1:Ela se retira, não vai pro confronto... ele se cala... então ele prefere ficar quieto, ele não tem às vezes poder, força, pra lidar com aquela situação e aí ele então fica quieto... então o pomerano, assim, ele é muito visto como alguém assim que fica... muito fechado... ele se fecha, né...e aí (inint 49:27) isso às vezes toma a proporção tão grande, né, que a saída, aí realmente o suicídio ele tá aliado a dois fatores, ainda que não esteja aqui, alcoolismo, né, que leva à depressão também, né... então tem um alto índice de pessoas que são alcoolistas, né, que levadas à depressão, depois tentam suicídio, né... e tem muitos ainda... foi feita uma pesquisa... a antropóloga aqui da UFSC que constatou que os pomeranos por causa do alto uso de veneno incorporados... ele é cumulativo no organismo... e que leva, então... ele induz então à depressão... e aí tem

outro fator descendente, né... como são muitos descendentes de escravos, né... a região lá da Europa, onde lá também tem grande índice de suicídio, então isso... tá na genética, né, no DNA.

Entrevistador 1:hoje eles não descobriram que tem gente que não consegue produzir as substâncias das alegrias? às vezes é isso, né?(acha graça)

Entrevistador 2:agora, tem uma coisa interessante também é o seguinte a schnapps ela tanto é pro extremo alegria quanto pra extrema tristeza... e sempre figura como cachaça né... porque as festas de casamento se não tem cachaça não tem festa.

Entrevistado 1:A bebida alcoólica é sempre o convidado de honra, né, na festa... infelizmente é uma coisa que... oito das pessoas que tem problemas com alcoolismo nas nossas comunidades aprenderam a beber nas festa de casamento... porque ali tem famílias inteiras... tem criança, então todo mundo participa, né...e aí começa o primeiro contato com a bebida... vai lá no boteco ou toma escondido e aí se começa... a beber e a fumar... na festa de casamento, eu me lembro ainda de menino, então na dança dos noivo, depois então de dançar com noivos, no final, então... tá o cigarro.

Entrevistador 1:Uhum. É o que que significa o cigarro?

Entrevistado 1:Não sei.. eu entendo assim, é tipo uma gratificação, né... presente que recebe... porque era chique, né? Há algumas décadas atrás era chique né... toda propaganda tinha um maço de cigarro

Entrevistado 3:(inint 52:10)

Entrevistado 1:masculinidade, feminilidade... então tem aqui... tem vários vídeos sobre a questão do cigarro... era status né... então... conseguir um status pra conquista... uma vez a mulher me disse que o cheiro do cigarro era o cheiro do namorado... e aí o cara ele era avaliado, a condição social dele, pelo tipo de cigarro que ele carregava no bolso... isso dava tchan...

Entrevistador 1:o status era através do cigarro?

Entrevistado 1:através do cigarro... então, eu tenho na minha avaliação que ce entra por aí na questão do cigarro... hoje isso já tá se perdendo...

Entrevistador 1:A gente conversou com um senhor....a vila de Laranja da Terra, a gente conversou com um senhor e ele fumava cigarro de palha... que ele mesmo enrolava e comprava o fumo e que ele comprava, ele disse que comprava o fumo (inint 53:23). A gente foi falar com ele que era de (inint 53:28). Eu perguntei se era ele que enrolava, porque em Belo Horizonte, com esse negócio do cigarro quem fuma, cortou um pouco o cigarro industrializado e fuma aquelas palha, então ce chega no bar, metade fuma aquelas palha... mudou um pouco de um tempo pra cá... e aí eu fui perguntar pra ele se era que enrolava ou se ele comprava cigarro, porque ele se comprava eu queria saber onde que vende pra ver se isso era coisa comum.... aí ele falou que não que ele

mesmo que enrolava e aí a gente acabou não conversando mais com ele, mas ele falou com tanto orgulho do cigarro que ele fazia... achei isso interessante.

Entrevistado 1:é tem gente que tem... que não larga mesmo...

Entrevistado 3:mas o fazer do cigarro diminui o ce fumar... porque até que o ce faz esse cigarro... o outro ce pode por um atrás do outro... e se o ce fizer errado aquele trem acende, apaga, acendo apaga... he-he-he

Entrevistado 1:A justificativa pra fumar... claro que uma coisa é ele ter o seu pé de fumo e colocado, né,... no Rio Grande do Sul, eu trabalhei na (inint 54:54), uma grande região produtora de fumo, onde também se tinha alto índice de fumantes... maior índice, nessa região, do fumo... por causa do excesso de veneno que se coloca... olha, é uma coisa absurda, né...

Entrevistador 1:mudando um pouquinho pra falar um pouco da confirmação. A confirmação, na verdade, ela é a passagem de criança pra adulto. É exatamente isso?

Entrevistado 1:É essa a compreensão que muitos a colocam... muitos pais, família têm, não é a posição da igreja

Entrevistador 1:mas é a posição da cultura pomerana?

Entrevistado 1:da cultura...porque assim... agora completou a confirmação, 15 anos, até lá não podia beber, até lá namorar, não podia dançar... etc, etc, etc... confirmou, então agora você já pode dançar, agora você já pode tomar sua cerveja, você pode né... um monte de coisa

Entrevistador 1:ganha moto...

Entrevistado 1:ganha moto... hoje os alemães tem a moto antes de confirmar porque já vem de moto pra igreja, né

TODOS: he-he-he

Entrevistado 1:menino de dez, onze anos já ta montado na moto porque hoje é uma coisa que todo mundo tem, né... mas ainda sim, muito ganham a moto como presente... e aí números elevados de acidente de moto na nossa região... Santa Maria principalmente... mas essa questão é como se fosse uma formatura... realmente uma passagem pra vida adulta.

Entrevistador 1:Quer dizer, não tem uma adolescência, você deixa de ser menino e passa a ser adulto? Ou isso é só uma impressão minha?

Entrevistado 1:Não acho que ainda se vive a adolescência... (inint 56:58) o baile, né, pros eventos sociais... porque até lá, a família tradicionalmente, eles não deixam os

pais... então não pode namorar, não pode sair... mas ainda assim a igreja tem que receber... depois disso aí se abre as portas... aí se vive essa fase de sair, ir pra balada...

Entrevistador 1:ah, então tem isso... os meninos só podem sair depois que confirma... eles devem ficar doido pra confirmar! ha-ha-ha

Entrevistado 1:depois né, a gente vê a turma... sai mesmo, né... é coisa muito perigosa... muita gente já morreu e teve acidente por causa dessa questão de achar que agora pode tudo, né... eu acho que se queima etapas dentro do desenvolvimento, né... tem uma menina aí que a gente conversa, 14 anos já foi confirmada, né.. 14, 15 anos já tá com namorado e já querendo casar... e ele tá dizendo não, não e a família tá meio que consentindo né?

Entrevistador 1:Já confirmou?

Entrevistado 1:Já confirmou...Aí vem aquela história de se não casar logo depois vai ficar pra titia, né... então... tem algumas que ficaram aí e não casaram

Entrevistador 1:se é bom partido, então casa logo ha-ha-ha

Entrevistado 1:casa logo. (acha graça) já querem constituir família, já tem essa preocupação de ficar dentro de casa... então, acho que a sexualidade, então tem a iniciação sexual... é muito precoce...

Entrevistador 1:(inint 58:55) ce tem ideia, assim?

Entrevistado 1:antes ainda segurava mais... então era muito fiscalizado...

Entrevistador 1:pois é, mas depois quando confirmava aí podia namorar.

Entrevistado 1:Podia namorar.

Entrevistador 1:Pois é. Aí como é que se chamava isso da iniciação sexual?

Entrevistado 1:Geralmente, era só depois do casamento... então ce tinha que namorar na varanda da casa... então, uma vez por semana e a família ficava ali envolta... então isso era mais rigoroso...

Entrevistado 2:dava uma escapulida, né... ha-ha-ha

Entrevistado 4:aí só podia namorar na varanda da casa e os pais ali pertinho... demorou, apareceu grávida he-he-he

Entrevistador 1:mas tinha aquela coisa, antigamente – agora deve ser mais complicado -, não ela não casou virgem? Porque eu li em algum lugar que os pastor perguntava ‘a gente pode tocar o sino ou não?’ quer dizer, tocava o sino porque era virgem ainda... não existe essa coisa?

Entrevistado 1: aqui na nossa região eu não vi isso assim... mas há... eu lembro lá em Vila Pavão... eu lembro da menina que já tinha tido... né.. contato já... e deu uma polêmica muito grande... ela não pode confirmar porque ela não é virgem...

Entrevistador 1: ah! Era não era confirmada?

Entrevistado 1: Não, aí deu problema

Entrevistador 1: se ela fosse confirmada não era problema?

Entrevistado 1: Se ela for confirmada era problema da família, mas enquanto que ela não era confirmada, então se evita essa polêmica do namorar... nossa! lá em Jequitibá, eu já morei lá, teve várias reuniões porque... problema da questão, cada vez mais precoce, do namoro, da iniciação sexual... então se queria reduzir de 12 pra 11 ou até pra 10, porque as meninas já namoram muito cedo... e aí não tem como segurar mais, porque elas já querem namorar, namorar... aí reduzir então a idade do ciclo confirmatório.. e se namorar era assunto de reunião de diretoria e chamava-se pais, né... e confirmava, né, mas isso dava uma dor de cabeça muito grande por parte daqueles que... se a minha filha é virgem e foi confirmada, como é que a filha de vocês que já aprontou, né, agora é confirmada também? isso é chato lidar com isso, viu...

Entrevistador 1: porque na verdade você tá lidando com uma coisa complexa...

B: complexa... é individual de cada um... de cada família... agora o pastor tem que emitir o juízo agora, se pode ou se não pode... e aí a menina que talvez já teve um relacionamento antes da confirmação, ou menino, né... mas é mais difícil com as meninas, como sempre é aquela coisa dos machos, né.. eh... e a família como é que fica, né? Qual o trauma, também, que isso traz pra mulher...

Entrevistador 1: por que aí as irmãs menores elas já ganham essa carga. Ou será que não tanto. Já que a mais velha aprontou... a mais nova vai pelo mesmo caminho

Entrevistado 1: aí eles fiscalizam em cima... pra não passar de novo pela mesma situação... é difícil dizer... porque é uma questão peculiar de cada família... algumas famílias dizem pode namorar, pode sair... outras vão ser muito restritas... então vai depender muito do que cada família vai viver...

Entrevistador 1: e como que é essa passagem? as crianças começam a se preparar pra confirmação... como que isso funciona? começa em que idade?

Entrevistado 1: O ensino confirmatório começa aos 11 anos aqui na nossa região... são três anos de catequese... começar aos 11, então lá pelos 14 (inint 1:03:34) vai ser a confirmação... então antes da confirmação tem um momento em conjunto... o retiro dos confirmandos... um momento de reunir toda a turma... eh... tem o curso de apresentação dos confirmandos, onde eles vão ao catecismo aprender credo, pai-nosso, a parte da

história da Igreja, então se apresenta isso pra comunidade... pra comunidade poder ver que eles realmente receberam esse conteúdo essencial.

Entrevistador 1: E aí todos juntos recitam? Ou individualmente?

Entrevistado 1: Isso depende do orientador que vai preparar... alguns recitam individualmente outros em conjunto... isso muda de comunidade pra comunidade

Entrevistador 1: E esse ensino confirmatório é (inint 1:04:26)

Entrevistado 1: Pois é, quando completa o ano... (inint 1:04:32)

Entrevistador 1: E aí tem aulas no domingo...?

Entrevistado 1: Sábados ou domingo... aí depende da comunidade e da disponibilidade de tempo do orientador, do professor

Entrevistador 1: Não faz isso diretamente vinculado ao culto?

Entrevistado 1: Não, não. Geralmente é num momento separado.

Entrevistador 1: e quantas horas são?

B: em média uma hora, uma hora e meia, uma vez por semana. Algumas comunidades como são mais distantes fazem de duas em duas semanas, né... aqui em Santa Teresa é uma região muito dispersa, as famílias são muito espalhadas, então a gente faz de duas em duas semanas...

Entrevistador 1: e aí alguém mais graduado que dá aula pros... ?

Entrevistado 1: Geralmente é alguém da comunidade que tem uma formação, assim, melhor de lidar com as pessoas, né, então ele já é consultado e às vezes a pessoa se oferece, então ele recebe o material didático e o manual do orientador e tal... então ele se prepara com todo o conteúdo e prepara um encontro

Entrevistador 1: e existe alguma diferença que perceba, por exemplo, entre os pomeranos e alguém do (inint 1:05:50) da comunidade? ou esse processo desde lá – batismo, confirmação, casamento – existe uma separação entre um grupo e outro?

Entrevistado 1: aqui em Santa Teresa tem os dois grupos: (inint 1:06:07) e (inint 1:06:08) muito mais (inint 1:06:10)... eh... os pomeranos eles levam assim a questão da igreja mais a sério, eles são muito mais igrejeiro... já os (inint 1:06:22) também, mas não tanto assim... eles são mais... isso os colegas lá do sul fala... uma coisa é certa, igreja eles participam, mas é uma coisa de mais...

Entrevistador 1: um ponto social?

Entrevistado 1:é! a gente percebe claramente que os pomeranos, o ser igreja ele é mais intenso... ele faz isso com mais amor, com mais calor, né... já os (inint 1:06:48) são mais...

Entrevistador 1:os pomeranos têm uma responsabilidade maior?

Entrevistado 1:eu acho que sim.... são mais fieis... o (inint 1:07:05) vai dizer assim “ah, fui esses dias no mês passado, então acho que vou no mês que vem”... ele não é assim tão.. (inint 1:07:20)

Entrevistador 1:mas pensando o grupo?

Entrevistado 1:o grupo como todo tem uma distinção bem clara entre um grupo e outro... ... eu tava tentando achar esse dvd aqui dentro, não sei se deletei isso...

Entrevistador 1:Esse tá no youtube ou não?

Entrevistado 1:Eu não sei se esse tá...

[procura o vídeo]

Entrevistado 1:ah, ta aqui, pomeranos.

[mostra o vídeo]

Entrevistado 1:na hora de vir pra cá, eu pensei ‘gente, eu tenho que levar alguma coisa’ que aí já ajuda...

Entrevistador 1:com certeza, ajuda muito... ...

Entrevistado 1:Aqui eu tenho um material, não posso deixar com vocês, mas se quiserem fotografar... eh... índole pomerana e laço de igreja... isso é desse autor aqui... ele fez um pequeno seminário pra gente sobre a índole pomerana, né.

Entrevistador 1:e esse senhor tá onde?

Entrevistado 1:Ele mora em Vitória... ... eu deixo esses três livro então com vocês...

Entrevistador 1:eu quero seu contato, um e-mail, porque a gente vai com certeza (inint 1:13:14)

Entrevistado 1:vivaldogeikgolz

Entrevistador 1:telefone

Entrevistado 1:27, aqui, né...3259-1283 9860-7513

Entrevistador 1:E alguém em Serra do Pregos?

Entrevistado 1:Serra do Pregos... na comunidade tem essas duas pessoas que eu tava falando antes... a...a Elza Volkran (?), ela mora na beira da pista, dentro duma curva, vai ter uma placa... antes de ver a igreja tem uma placa... 11 a 12 quilômetros... é uma casa amarela com coqueiro né... ali vai ser a casa da Elza... e de lá tem, voltando um pouquinho o movimento, ali fica a casa da Ofélia...

Entrevistador 1:Ofélia o que?

Entrevistado 1:Hilgert.

Entrevistador 1:Eles falam pomerano?

Entrevistado 1:Falam.

Entrevistador 1:A gente pegou pouco pomerano... então eles viram que a gente não falava pomerano, então eles falaram pouco pra gente...

B:a Elza tem um sotaque muito carregado, porque ela é lá de Jequitibá, então ela... parece conversando com estrangeirinho...

Entrevistador 1:acho tão bonitinho.

Entrevistado 1:a língua ela abre muitas portas... Eu falo pomerano, então pra mim facilita o trabalho aqui na paróquia

Entrevistador 1:Aí ce chega na casa da pessoa falando pomerano...

Entrevistado 1:Olá, tudo bem?

Entrevistador 1:Como é que é?

Entrevistado 1:Allas Gau.

Entrevistador 1:Como a gente foi chegando sempre com alguém, aí nunca precisou, né? agora, uma coisa que a gente percebeu nessas nossas conversas foi na hora de conversar com o senhor sobre o casamento... aí eles tinham aquela coisa do convite... aí ele chegou com o papelzinho... aí eu comecei a ler junto com ele, mas era em alemão, mas ele ria... ele adorou... ficou tão feliz... foi muito legal

Entrevistado 1:por outro lado mostrou que você se interessou...

Entrevistador 1:to querendo agora começar a mexer com a língua mesmo...

Entrevistado 1:Santa Maria vocês vão encontrar muita coisa... então é garimpar...

Entrevistador 1:Você teria o telefone do pastor?

Entrevistado 1:Marcos... ..Celular 9989 6669 38630166

Entrevistador 1:em Jequitibá né?

Entrevistado 1:Jequitibá... ..

Entrevistador 1:Jequitibá fica daqui pra lá ou...?

Entrevistado 1:Indo pra Santa Maria, vocês vão passar Santa Maria, descer acho que uns 10 quilômetros... eu sei que de Santa Maria até Jequitibá dá 14 quilômetros...

Entrevistador 1:pertinho...